

O diálogo como lugar da verdade¹

Josef Pieper²

(trad. de Roberto C. G. Castro)

A verdade, como realidade humana, surge apenas em situação de diálogo. Isso diz Platão em sua famosa *Sétima Carta*, na qual ele volta o olhar para uma longa vida de ensinar e escrever. Eu quero tentar dizer, em poucas palavras, como eu considero que isso pode ser entendido.

Primeiro, fala-se da verdade, como ela é vista no filosofar, da verdade sobre o todo da realidade e sobre o sentido da condição humana em seu conjunto. A verdade entendida como o que torna sábio. Nenhuma das ciências isoladas pode protestar esse direito de tornar sábio e por excelência “conhecente”. Erudição e habilidade são diferentes de sabedoria. Na realidade, a filosofia não torna propriamente sábio, mas o filosofar, como “busca amorosa”, tem em mira a “sabedoria”. E o conhecimento no qual recebemos essa sabedoria, embora a longa distância e como algo não definitivamente possível – esse conhecimento, tal é a opinião de Platão –, acontece e se realiza apenas no diálogo. Como através de uma faísca uma luz inesperadamente se acende na alma: *quando* os homens continuamente, “por amor à discussão”, se reúnem e conversam uns com os outros.

Essa afirmação é entendida de forma tal que ela exclui duas coisas. Ela se dirige, antes de tudo, contra a opinião de que esse tipo de sabedoria poderia realmente ser percebido na palavra escrita. Escrever e ler não são, segundo a opinião de Platão, a forma na qual a verdade como realidade humana primariamente se realiza. Esse é um discurso relativamente surpreendente na boca de um homem que seguramente por mais de 50 anos agiu através da palavra escrita. Mas o mais surpreendente é que esse mesmo homem insiste nisso: não existe nada escrito por suas mãos sobre as coisas nas quais ele está tão empenhado. E quem tenta expressar por escrito o pensamento na mais profunda seriedade, seu coração deve estar “arruinado”, certamente não pelos deuses, mas pelos homens.

A consideração de Platão pelo diálogo se dirige, além disso, contra o monólogo – contra algo com que nós também, na prática do ensino, estamos plenamente acostumados. Repetidamente Sócrates conjura seus interlocutores: Vós não mantendes nenhuma conversa, mas achais com isso conduzir um diálogo conosco – Deixe-se agora mostrar claramente que Platão e Sócrates não têm em mente propriamente o simples fato externo do “falar sozinho”, mas o íntimo falar “sem interlocutor”, no qual o orador “coloca em cena” apenas a si mesmo, enquanto o ouvinte não é reconhecido como pessoa com os mesmos direitos, mas é simplesmente ignorado ou reduzido a mero “objeto” de uma “influência”.

Não creio que estas formulações tão centradas e assim pensadas em Platão devam simplesmente ser consideradas “verdadeiras”; mas vale a pena considerá-las com a maior seriedade – como uma contribuição para o tema “diálogo”.

Recebido para publicação em 17-03-22; aceito em 21-04-22

¹ “Das Gespräch als Ort der Wahrheit”, em Pieper, *Werke*. Hamburg: Felix Meiner Vg, v. 8,1, p. 1-2, 2008.

² Renomado filósofo, catedrático da Universidade de Münster, falecido em 06-11-97.

Das Gespräch als Ort der Wahrheit

Josef Pieper

Wahrheit kommt, als menschliche Realität, einzig im Gespräch zustande. Dies sagt Platon in seinem berühmten *Siebten Brief*, in dem er zurückblickt auf ein langes Leben des Lehrens und Schreibens. Ich will versuchen, in wenigen Worten zu sagen, was hiermit, so wie ich es verstehe, gemeint sein mag.

Es ist erstens von der Wahrheit die Rede, auf die es im Philosophieren abgesehen ist, von der Wahrheit also über das Ganze der Wirklichkeit und über den Sinn des menschlichen Daseins insgesamt. Es ist die Wahrheit gemeint, die weise macht. Keine von den Einzelwissenschaften kann diesen Anspruch erheben, weise und schlechthin »wissend« zu machen. Gelehrtheit und Tüchtigkeit sind etwas anderes als Weisheit. Nun macht zwar auch die Philosophie nicht eigentlich weise; aber es ist »Weisheit«, worauf das Philosophieren als »liebende Suche« zielt. Und die Einsicht, in welcher uns jene Weisheit, wenn auch ganz von weitem und wie etwas nicht endgültig Besitzbares, zu Gesicht kommt – diese Einsicht, das ist Platons Meinung, geschehe und verwirkliche sich einzig im Gespräch. Wie durch einen überspringenden Funken entzünde sich unversehens in der Seele ein Licht: *wenn* Menschen wieder und wieder »um der Sache willen« sich zusammenfänden und miteinander sprächen.

Diese Behauptung ist so gemeint, daß sie zweierlei ausschließt. Sie richtet sich zunächst gegen die Meinung, diese Art Wahrheit könne im geschriebenen Wort eigentlich zu Hause sein. Schreiben und Lesen sind nach Platons Meinung nicht die Formen, in denen Wahrheit als menschliche Realität sich primär verwirklicht. Das ist eine einigermaßen verwunderliche Rede im Munde eines Mannes, der sicher über fünfzig Jahre durch das geschriebene Wort gewirkt hat! Das Verwunderlichste aber ist, daß dieser gleiche Mann darauf besteht: es gebe über die Dinge, an denen ihm gelegen sei, nichts Schriftliches von seiner Hand. Und wer etwa versuche, das im tiefsten Ernst Gedachte schriftlich zu äußern, dessen Herz müsse »zugrunde gerichtet« sein, freilich nicht von den Göttern, sondern von den Menschen.

Platons Wertschätzung des Gesprächs richtet sich ferner gegen die monologische Rede – gegen etwas also, woran wir uns im Lehrbetrieb völlig gewöhnt haben. Immer wieder beschwört Sokrates seine sophistischen Gesprächspartner: Haltet keine Rede, sondern versteht euch dazu, ein Gespräch mit uns zu führen! – Es läßt sich nun freilich zeigen, daß Platon und Sokrates dabei nicht eigentlich das bloße äußere Faktum des »Allein-Sprechens« im Auge haben, sondern das innerlich »partnerlose« Sprechen, in welchem der Redner nur sich selbst »in Szene setzt«, während der Zuhörer nicht als gleichberechtigtes Gegenüber anerkannt, sondern entweder einfach ignoriert oder zum bloßen »Objekt« einer »Einwirkung« erniedrigt wird.

Ich glaube nicht, daß man diese sehr zugespitzten und wohl von Platon auch so gemeinten Formulierungen einfachhin als »wahr« gelten lassen sollte; aber es lohnt sich, sie aufs ernsteste zu bedenken – als einen Beitrag zum Thema »Gespräch«.

Recebido para publicação em 17-03-22; aceito em 21-04-22